

# Bases Cognitivas do Brincar de Faz-de-conta no Autismo

Cognitive Underpinnings of Pretend Play in Autism

*Journal of Autism and Developmental Disorders*, Vol. 33, No. 3, Junho 2003 (© 2003)

*M. D. Rutherford*

*Sally J. Rogers*

Resumido por Rebeca Costa e Silva

Primeiramente, Rutherford e Rogers caracterizam o brincar de faz-de-conta como algo peculiar do ser humano, de seu desenvolvimento, mais especificamente a capacidade de criar eventos imaginários, estabelecer identidades alternativas para objetos, ambientes e pessoas, inclusive para si mesmo. E sendo considerado um exemplo de habilidades cognitivas exclusivas do ser humano, seu desenvolvimento é afetado por fatores biológicos e ambientais, (...) inclusive fatores culturais e socioeconômicos.

Comprometimentos físico e mental do desenvolvimento afetam o brincar de faz-de-conta, porém comprometimentos visuais e o autismo afetam o brincar de faz-de-conta com mais severidade?.

Em crianças com autismo esse comprometimento no brincar de faz-de-conta fica tão acentuado que é até utilizado como critério para diagnóstico. Isso significa que crianças com autismo normalmente não brincam ou utilizam brinquedos de forma adequada, ou fazem uso de bonecos como atores, ou substituem um objeto por outro com a mesma frequência e espontaneidade de crianças típicas e de outros grupos clínicos. (...) Uma falha em utilizar brinquedos simbolicamente é um item de diagnóstico na maioria dos sistemas de diagnóstico de autismo.

A explicação mais relevante para esse comprometimento é a Teoria da Mente (TM), que em poucas palavras é a capacidade de entender os estados mentais de outra pessoa e prever comportamentos baseado no reconhecimento desses estados mentais. (...) Um mecanismo da teoria da mente (MTM) sutil é o núcleo para essa função cognitiva?.

A TM sugere que essa relação se dá pelo seguinte processo: um comprometimento no brincar de faz-de-conta observado no autismo é o resultado de um comprometimento no funcionamento do aspecto de metarrepresentação do MTM. Uma exemplificação de como funciona esse aspecto de metarrepresentação em uma criança típica engajada no brincar de faz-de-conta é, se uma criança faz-de-conta que um telefone é uma banana, ela precisa distinguir a representação primária (telefone) da representação secundária, ou metarrepresentação (banana), assim é possível ela agir como se isso (o telefone que é uma banana) fosse a realidade, fazendo uso de inferências, sem ficar profundamente confusa com o que é real e quais são as verdadeiras funções dos objetos. Portanto (e de acordo com essa teoria), se há um comprometimento nesse mecanismo, então haverá um comprometimento no brincar de faz-de-conta também.

Em contrapartida existem alguns estudos sobre crianças com autismo que conseguiram fazer-de-conta que colocam em questão que esse comprometimento no autismo talvez tenha a ver com desempenho ao invés de competência. Comprometimentos no brincar de faz-de-conta talvez tenham a ver com imitação, flexibilidade, ou de modo geral, função executiva.

A Teoria da Função Executiva (teoria da FE), de forma simplificada, pode ser definida como, operações mentais que permitem com que um indivíduo despenda-se do contexto imediato para poder guiar o comportamento com referência a modelos mentais ou metas futuras. Um comprometimento em funções executivas pode estar relacionado aos comprometimentos em brincar de faz-de-conta para crianças com autismo, visto que este requer um desengajamento do mundo óbvio e real (inibição), a criação de novos

cenários de faz-de-conta (generalização) e a mudança de uma interpretação de brinquedos a outra (mudança de configuração).

Alguns contrapontos em relação a essa teoria e o brincar de faz-de-conta é que alguns estudos demonstram que crianças pequenas com autismo não apresentam comprometimentos específicos da função executiva, o que contradiz a hipótese de que comprometimentos de função executiva precedem e causam dificuldades para mentalizar.

A questão principal desse estudo é qual, se é que algum, desses modelos (TM ou teoria FE) é mais preditivo do desempenho em brincar de faz-de-conta em autismo infantil.

Foi medido:

- Atenção Compartilhada (AC), coordenação triangular da atenção entre a criança, outra pessoa, e um objeto ou evento;
- Função Executiva;
- Brincar de Faz-de-conta, tipo de brincadeira que envolve substituição de objeto, atribuição de propriedades ausentes, ou fazer-de-conta que um objeto imaginário está presente;

para examinar os papéis da TM e FE para prever o brincar de faz-de-conta.

Em outras palavras, consideraram as duas teorias como sendo candidatas para serem testadas nas explicações do comprometimento do brincar de faz-de-conta no autismo.

Observaram que a generalização (instrumento da teoria FE) foi a mais preditiva no brincar de faz-de-conta; porém, vale ressaltar que experiência e maturidade experimental são fatores importantes no brincar de faz-de-conta.

Quanto à TM, é sugerido que comprometimentos no desempenho das funções da TM podem ser explicados por comprometimentos num processo cognitivo mais generalizado, como a coerência central, ou dificuldades em funções executivas. Em outras palavras, não seria um comprometimento em um aspecto específico da TM, e sim, comprometimentos mais persistentes na teoria FE.

Os autores finalizam dizendo que ambas as teorias são muito importantes no desenvolvimento humano, que comprometimentos no brincar de faz-de-conta devem-se mais por comprometimentos na teoria FE (no instrumento de generalização mais especificamente), e que possivelmente deve haver outro precursor cognitivo subjacente a esse comprometimento.